

Trabalhos Científicos

Título: Conhecimento, Empatia Clínica E Práticas Em Dor Neonatal Em Pediatras

Autores: CRISTINA ORTIZ SOBRINHO VALETE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS), SILVIA MARIA MACEDO BARBOSA (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO), ALINE ALBUQUERQUE (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA), ESTHER FERREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS), VIVIANE FONTES DE SOUZA (HOSPITAL DA CRIANÇA DE MONTREAL)

Resumo: Introdução: A dor neonatal é subdiagnosticada, sendo seu impacto refletido nos curto e longo prazos. Poucos estudos investigaram a influência da empatia nas práticas em dor neonatal.
Objetivos: Analisar a relação entre o conhecimento e a empatia clínica com as práticas em dor.
Metodologia: Estudo tipo survey online, que incluiu 144 pediatras que atuam com recém-nascidos e filiados a Sociedade Brasileira de Pediatria, entre agosto e setembro de 2024. Foi aplicado questionário REDCap, com as características dos participantes, a Jefferson Scale of Empathy versão profissionais de saúde (JSE-HP, Thomas Jefferson University, 2001. All rights reserved), composta pelos domínios Tomada de perspectiva, Cuidado compassivo e Calçar as sandálias do paciente, e questões sobre conhecimento e práticas em dor neonatal, sendo quanto maior a pontuação, melhor. Esta última parte foi construída por método Delphi, com equipe de especialistas. O desfecho foi as práticas em dor, considerada boa se acima do percentil 50, sendo comparado com as características dos profissionais, a JSE-HP e o conhecimento. Diferenças entre proporções e entre medianas foram analisadas. Correlações foram calculadas pelo coeficiente de Spearman e foi realizada análise de mediação sequencial, considerando como variável independente o conhecimento, com auxílio do programa Stata versão 18.0 ($p < 0.05$). Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.
Resultados: Foram obtidas 144 respostas completas. A média de idade foi 46,1 anos, sendo 88,1% do sexo biológico feminino, 45,1% com residência em neonatologia e 70,8% com atuação na terapia intensiva neonatal. Setenta (48,6%) referiram que a dor pode ser avaliada sem uso de escala e a escala aplicada mais relatada foi a Neonatal Infant Pain Scale (NIPS), em 44 (30,5%). A mediana da JSE-HP foi de 123,0 (IIQ 117-130), do conhecimento 49,0 (IIQ 47-51) e das práticas 40,5 (IIQ 34,5-47), com diferença entre as últimas ($p < 0.001$). As boas práticas foram associadas a ter residência médica em neonatologia ($p = 0.02$), atuar em terapia intensiva ($p = 0.01$), maior empatia ($p = 0.005$) e maior conhecimento ($p = 0.001$). As práticas foram melhores de acordo com o aumento da empatia ($p = 0.04$) e do conhecimento ($p = 0.001$). Houve correlação entre a JSE-HP e o conhecimento, a JSE-HP e as práticas e entre o conhecimento e as práticas ($p < 0.05$). A análise de mediação considerando o efeito do conhecimento nas práticas e o domínio Calçar as sandálias do paciente como mediador revelou efeitos diretos e indiretos (efeito indireto/efeito total = 0.102, $p = 0.04$).
Conclusão: Nos pediatras participantes, foi observada lacuna entre o conhecimento e as práticas em dor neonatal. Muitos acham que a dor pode ser avaliada sem escala. O conhecimento, a formação em neonatologia, a atuação na terapia intensiva e a empatia clínica influenciaram as práticas em dor. O domínio Calçar as sandálias do recém-nascido foi mediador das práticas em dor.